



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIZ FERNANDO RIBEIRO MORAES

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-64

Entrevistado: Luiz Fernando Ribeiro Moraes

Nascimento: 10/09/1951

Local da entrevista: CEME – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Berenice Rolim e Leila Mattos

Data da entrevista: 07/07/2004

Transcrição: Camile Romero

Conferência Fidelidade: Camile Romero

Copidesque: Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Anna Maurmann

Fitas: (01 fita) 64/01-A, 64/01-B

Total de gravação: 45 minutos

Páginas Digitadas: 17

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 01902/2007/01

Nº da fita: 01902/200/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

MORAES, Luiz Fernando Ribeiro. *Luiz Moraes (depoimento, 2004)*.
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE –
ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

Envolvimento com a ESEF, primeiro como aluno e depois como professor; visibilidade do professor de Educação Física na escola e a forma de pensar a profissão; perfil dos alunos da ESEF; educação física e a prática desportiva; início dos projetos de extensão e pesquisa; antigos professores da Escola; modificações na forma didático-pedagógica de dar aulas; participação das mulheres na Educação Física, em turmas separadas e em turmas mistas.

Porto Alegre, 07 de julho de 2004. Entrevista com Luiz Fernando Ribeiro Moraes, a cargo das entrevistadoras Berenice Rolim e Leila Mattos, para o projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

B.R. - Bom dia, professor Moraes! A gente gostaria de saber da sua história de vida, que o senhor nos contasse um pouco sobre a sua trajetória como aluno, primeiramente, aqui na Escola¹.

L.M. - Bom, o que eu vou dizer como aluno? Eu morava tão pertinho daqui, que antes de ser aluno eu já achava que devia vir para cá. Até pelo envolvimento com o esporte. Então, eu morava aqui em cima, entre a Escola e a Protásio Alves², eu enxergava da minha casa a Escola. Sempre achava que eu vinha para cá, mesmo quando eu pensava que iria fazer outra faculdade. Depois, era muito fácil, era só descer. Depois do vestibular, era só descer e vir até aqui. E, mesmo nas horas que não tinha o que fazer... A gente tinha duas turmas: da manhã e da tarde, então às vezes eu vinha para olhar as aulas e as meninas também.

B.R. - Isso quando tu não eras aluno ainda?

L.M. - Não, não, depois quando aluno. Antes eu passei algumas vezes aqui, mas aí eu não me sentia muito à vontade para estar aqui, então, eu vinha mais eventualmente.

B.R. - A tua escolha foi em função da proximidade ou tu já tinhas um envolvimento com esporte?

L.M. - Não, por causa do envolvimento com o esporte. Mas, foi de tal forma quando identifiquei que aqui era a Escola de Educação Física: “é para lá que eu vou!” Então, já conhecia, descia aqui para jogar futebol, eventualmente, embora fosse um campo... Naquela época tinham três campos de futebol, se eu não me engano. Tinha um clube que era de um dos grupos de futebol, que é onde está o depósito hoje, ali da sub-prefeitura, aquela casinha mais antiga era um clubezinho voltado para o futebol. Então, eles utilizavam um desses três campos aqui. E, tinha muita vaca, cavalo, que ficavam pastando,

¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Avenida de Porto Alegre, localizada no Bairro Petrópolis

eles eram amarrados. Isso não é uma coisa tão antiga, mas, recentemente, ainda a gente podia observar isso, agora não. E, às vezes, se confundia um pouco com o meio rural. A Salvador França³ não existia, era uma estrada. Quando chovia muito, a erosão levava... Ainda, nessa época, nem trânsito tinha por ali... E um nucleozinho do Jardim Botânico⁴.

B.R. - E, esse clube que funcionava aqui dentro da Escola, como é que era? Como funcionava?

L.M. - Ele não tinha nada a ver com a Escola. Construíram um prédio ali e - eu não sei te dizer bem a história disso - eu sei que levaram muito tempo para conseguir tirar o clube, as pessoas que trabalhavam ali, que faziam o... Desse clube ali. E, depois, algumas pessoas moraram ali. Tinha um senhor, que era meio que um zelador aqui do espaço. Ele morava num prédio ali. Ele também se aposentou, aí saiu daqui.

B.R. - Moraes, como é que era o espaço físico dentro da Escola? O que tu podes nos descrever da época em que tu iniciaste aqui?

L.M. - As dimensões são as mesmas que tem hoje. Só que era, digamos assim, com três campos de futebol. Um dos locais do campo de futebol, hoje é a pista de atletismo, não exatamente assentado sobre o mesmo ponto. O outro, este espaço que tem aqui o bar, tinha uma goleira bem próxima aqui e, o outro mais atrás, que ficava naquele local que tem o campo hoje, só que era no outro sentido, ele era atravessado em relação à posição dele ali, que tem uma posição norte-sul, e ele era leste-oeste. E, para baixo, tinha o valo que dava escoamento das águas que vinham lá de cima, então, não tinha aterramento ali, era um grande valo, era um banhado isso aqui. Tanto, que plantavam agrião ao lado, onde tem esse conjunto residencial aqui, tinha uma plantação de agrião. Era completamente diferente, era um meio rural, mais ou menos quando a gente descia, passava da floricultura para baixo, que era do Araribóia⁵ para baixo e parecia que a gente estava num outro local.

B.R. - E, o material, bolas...?

³ Avenida Salvador França, que hoje faz parte da III Perimetral de Porto Alegre.

⁴ Bairro de Porto Alegre onde está localizada a ESEF.

L.M. - Embora já houvesse casas aqui com calçamento, só aqui.

B.R. - E, material, bolas, tinha grande disponibilidade dentro da Escola?

L.M. - Bem menos do que hoje! Tinha material, mas, às vezes, tinha falta de material, exceto alguns, por exemplo... Pensando assim: o material do atletismo, é praticamente o mesmo até hoje, os pesos e os discos são os mesmos, aliás, peso já tem os novos que foram incorporados depois na quantidade, mas uma boa parte desses aparelhos, peso e disco, são anteriores à minha época como aluno. Talvez sejam de um período anterior, não se pode dizer que seja da fundação da Escola, mas eu tenho certeza que eles são da época que o professor Fredolino Taube⁶ era professor de atletismo. Inclusive eu perguntei para a Margô⁷, pedi para fazer uma pergunta para o professor Fredolino: se os discos eram anteriores, ou se ele tinha mandado fazer. E, foi ele que mandou fazer numa pequena metalúrgica. Então, é um material que está aí sendo usado há uns quase cinquenta anos. Esse é o mesmo. Os dardos, esses não, realmente não são, mas peso e disco sim.

B.R. - Moraes, e o perfil do professor, como é que ele era? O teu professor, na época, que tu eras aluno comparado a hoje, o que tu enxergas de diferente?

L.M. - Bom, eu acho, fundamentalmente, que eles eram muito pouco reflexivos sobre a prática que faziam. Era uma prática do desporto, era uma repetição do desporto, uma repetição do treinador. Se faz, se executa, mas não se reflete sobre ela, sobre qual é a importância dela. Eu... Tinha um objetivo eminentemente de resultado, de se melhorar resultados, era isso. Salvo raríssimas exceções, que faziam um pouquinho de... Que pensavam um pouquinho na escola, que não era uma coisa nem um pouco comum, mas que na escola também repetiam as mesmas coisas, porque também eram professores de escola. A origem é do Estado e, supria a necessidade de professores de Educação Física da rede pública estadual e, como tal, muitos já eram professores de escola pública, então, o que a gente fazia aqui era um pouco de repetição do que eles faziam lá na sua escola. Eu diria assim: como eu tive um bom professor de Educação Física na escola, muitas das atividades que eu fiz aqui dentro, foram repetições daquelas que eu fiz na minha escola,

⁵ Parque Municipal de Porto Alegre próximo à ESEF.

⁶ Frederico Adalberto Ricardo Taube, Diretor da ESEF-UFRGS em 1970

claro que avançando um pouco mais, porque a gente tinha mais tempo, só fazia isso na verdade, mas poucas vezes se refletiu sobre isso, sobre qual era a diferença que existia entre um clube, entre a escola. E, nós tínhamos, naquela época, um discurso que era político e ideológico daquele momento, que era: Educação Física, esporte é vida, esporte é saúde. E, também, nós ouvimos muito, assim, de fortalecer a Educação Física para conquistar medalhas em olimpíadas. Não se falava ainda, naquela época, nesse sentido que a gente usa hoje da saúde, embora tenha dito antes, motivo de saúde, como se fizesse o esporte de alto rendimento, isso era saúde, né? Não se questionava todas as outras questões do treinamento, de benefícios e malefícios. Era só benefício. E, não se entrava na questão de dar força para o professor de Educação Física, ele também tinha, anteriormente, uma vocação, quer dizer, não uma vocação, mas um indicativo de... Como indivíduo, não da segurança, mas do controle, da disciplina, dentro da escola, porque se confundia muito isso. E, eu na escola era... Na primeira que eu fui trabalhar, era muito chamado para isso: Deu um problema lá, vai um professor de Educação Física, ele é que tem que resolver, na verdade, deu uma confusão. E, eu conheci alguns professores de Educação Física que tinham uma carga extra de trabalho que era para ficar nos corredores da escola, além da aula de Educação Física, ele tinha horários para fazer o controle de corredor. Bom, mas isso não aparecia para mim aqui, pelo menos eu não me lembro disso como aluno. Me lembro disso como aluno de primeiro grau e de segundo grau e, depois, quando eu fui trabalhar em Camaquã⁸, também isso aconteceu lá na escola. Até porque tinham duas escolas, a outra era um sargento da Brigada Militar que dava aula, que era um prático. Tipo precário, como se chamava na época. Então, essas coisas não ficavam assim, elas não apareciam aqui no discurso e na fala dos professores. Nós tínhamos assim: Como ensinar as modalidades? Se eu estou trabalhando seqüências pedagógicas, que são coisas que a gente usa até hoje, mas que a gente tem claro qual é o endereçamento disso. Se a gente quer, se a gente não quer utilizar essa forma de trabalhar, mas pensando hoje, mais a gente pensando como instrumento de um ato pedagógico. Mas isso, para nós, é uma coisa nova. A gente começa a fazer isso, pelo menos aqui dentro, como professor e não antes. Então, essa era uma diferença bem marcante para mim. Eu acho que eu consigo fazer isso, mas não tenho muita certeza, mas embora essa tentativa eu faço nas aulas, de poder situar as

⁷ Margô Leni Taube, filha do professor Fredolino Taube

⁸ Cidade localizada na região Sul do Estado do Rio Grande do Sul

diversas possibilidades de aula e os objetivos que se quer, mesmo trabalhando com atletismo.

B.R. - E, o perfil dos alunos? Como é que tu vias esse aluno e como é que tu vês hoje?

L.M. - O perfil dos alunos, ele é muito reflexo do meio em que tu estás. Eu me lembro muito dos colegas pensando na questão do desporto. Quer dizer, ou era trabalhar na escola, ou trabalhar num clube. Esse era um objetivo muito... Porque nós tínhamos muita gente que tinha se envolvido com o esporte na formação, não era a maioria, mas isso era um peso muito grande. Na minha turma, tinha atletas de futebol, tinha de futsal - de futebol de salão da época - tinha os do atletismo, tinha os do basquete, todos tinham tido uma experiência desportiva. E, se nós olharmos, nós somos cinco hoje como professores aqui e, todos nós temos uma origem no desporto. De alguma forma a gente passou por algum desporto, uns mais implicados, outros menos, mas todos estes cinco, todos eles, anteriormente à Escola. Então, era muito isso, da gente ter uma visão do desporto mesmo na escola, quer dizer, era fazer o desporto dentro da escola, o que era uma incoerência. Não tinha como!

B.R. - E, dentro desse perfil, como é que tu vias esse aluno? Ele era mais disciplinado, ele era mais interessado, menos interessado? Ele estava mais voltado à profissão? Como é que tu vias o aluno em si, no comportamento?

L.M. - Olha, [risos] eu não acho que eles fossem menos interessados ou mais interessado do que os de hoje. A capacidade de refletir sobre o momento que a gente vive é que é diferente. Eu acho que nós não refletíamos sobre aquele momento, que era o momento da ditadura⁹. Muito Pouco! Nós muito pouco falávamos sobre isso. Pelo menos eu. Embora eu sei que nós tenhamos tido algum problema com colegas em relação à ditadura na época, mas que eu, particularmente, fiquei sabendo muito tempo depois. E, uma coisa assim, não tinha nada a ver com ele, quer dizer, o comportamento não era nem de revolucionários, nem de agitadores políticos. Ideologia, isso não acontecia. Nós tínhamos as nossas amizades, mas nos voltávamos muito para isso. Os nossos grupos de amigos, nós... Atividade social, atividade esportiva, que a gente tinha razoável o time da ESEF de futebol. Existiam competições universitárias. Então, nós estávamos sempre envolvidos

com isso. Nos JUBEFs¹⁰, em formação da equipe para competir nesse período, quem ia para um Jogos Universitários, a gente sabia, a gente estava sempre envolvido com essa... Acho que era o nosso pensamento. A escola quem conseguiu vaga, qual é a escola que tem vaga para professor-aluno. Tipo precário. Nós tínhamos essa relação e começamos a trabalhar e o modelo era do esporte. Então, era muito em cima que a gente... Hoje o aluno pensa muito de... Até porque o mercado de trabalho se modificou também. Quem vai trabalhar nas atividades para saúde, é uma parte da fonte de emprego hoje. Academias, o *personal*, enfim, mas o aluno consegue refletir se ele quer ir para escola ou não. Qual é a função dele dentro da escola, tem um envolvimento, mesmo que alguns têm envolvimento político, há uma possibilidade de reflexão, eles conseguem identificar uma... Se não é todos, mas é... Digamos... É uma coisa que não existia entre nós, eles conseguem identificar qual é a posição do professor. Eles sabem quem é a favor do esporte, que é contra o esporte, quem é contra a atividade física, e esse tipo de opinião circula dentro da Escola. Com esse professor eu passo, com esse professor eu aprendo, e essas coisas assim, que para nós nem tinha escolha também. Era com quem tinha mesmo, a gente tinha que fazer. A própria questão do currículo, hoje como tem muitas eletivas, abre essa possibilidade de escolha, tem os que vão para terminar o curso e tem os que vão pensando como eles vão fazer a sua melhor formação, isso existe hoje. E, isso existe também, a questão ideológica também indica alguma coisa do que eles vão fazer. Por exemplo, eu tive uma aluna, isso há algum tempo atrás, que ela se matriculou comigo e disse assim: “Eu vou fazer a disciplina contigo. Eu preciso dos créditos, mas eu não compartilho com a tua prática”. No primeiro dia ela disse isso, e eu disse: “Muito bem! Tu vais ser aceita igual como qualquer outro”. E, naquele grupo, um dos melhores trabalhos foi o dela. E, algumas vezes, a gente muda um pouco a visão a partir daí, mas quer ver assim, só para mostrar que existe uma outra reflexão que a gente não tinha: eu, honestamente, a minha questão era o atletismo, era o esporte. E eu comecei repetindo as mesmas coisas que eu fazia no clube, que eu fazia como atleta. E assim muitos outros.

B.R. - Moraes, e a questão econômica: qual é o perfil econômico do aluno da escola, na época que tu estudavas? Hoje, como é que tu vês?

⁹ Período da Ditadura Militar instaurada no país em 1964 até 1985.

¹⁰ Jogos Universitários Brasileiros de Educação Física

L.M. - [risos] Não sei te dizer, mas eu acho que é mais ou menos o de hoje. Não sei, é uma boa parte de alunos de escola pública, alguns de escola particular, mas acho que..., Eu não tenho muita certeza disso não, de qual era... Eu sei, que tem muitos de nós, que éramos de escola pública, tinha gente do Julinho¹¹, tinha gente das escolas agrícolas. Como é também a minha origem, eu tinha outros colegas da escola agrícola. Então, eu não sei te dizer, até porque não tinha... Me parece que a diferença entre a escola pública e escola particular não era tão acentuada quanto é hoje. Mas, hoje, a gente sabe que mais ou menos é meio a meio aqui. No dia de hoje, tem um percentual muito grande de escola pública.

B.R. - Moraes, o que tu tens para acrescentar... O que tu achas que é relevante a gente registrar no que tu conheces da Escola?

L.M. - Na questão das instalações, eu acho que é importante, apesar do espaço ser muito grande, as condições daquela época eram bem menores. Em termos de espaço físico, nós tínhamos este prédio aqui do ginásio e nós tínhamos esse prédio central, ali ao lado. Quando a Escola veio para cá, já existia isso, não foi feito para a Escola mesmo. Mas ali, como prédio administrativo acabou sendo adaptado para um local de aula. As salas de aula eram na parte de cima. Havia enormes vestiários embaixo, masculino e feminino. E o prédio e a parte da direção que eram bem no centro, onde hoje é o saguão de entrada, isso tu conhecestes! Tinha uma piscina aqui, um tanquezinho aqui, que tinha as aulas de natação. E tinha uma pista de duzentos metros na parte de trás, onde hoje estão as salas de aula e a biblioteca, e onde está o ginásio, o LAPEX¹² e o... Tinham quadras de basquete, quadras de tênis. Bom, fora os campos de futebol, isso era tudo que a gente tinha. Dentro do ginásio funcionava, às vezes, simultaneamente, uma quadra vôlei, uma quadra basquete, nos espaços intermediários, a ginástica olímpica. Quando chovia, alguma outra coisa. Então era um espaço extremamente dividido para as atividades físicas, as disciplinas de práticas. E o que mais? A biblioteca era em cima também, era uma mini-biblioteca, acho que ela era menor do que o... O que a gente tinha na biblioteca, vocês tem no CEME¹³ hoje, na sua maioria. E, talvez ela fosse até um pouco menor do que o acervo que existe hoje. As salas ficavam lá em cima, era dividido em cubículos aquele espaço, que hoje é entre a pós-graduação e a sala de rítmica 2. A outra sala é igual, é tal e qual a que tínhamos naquela

¹¹ Escola Estadual Júlio de Castilhos.

¹² Laboratório de Pesquisa do Exercício.

época. E ali, então, também era dividido, tinha horários da esgrima, tinha os horários da ginástica, tinha os horários da rítmica, essencialmente. Tinha um piano maravilhoso lá em cima também, daqui da ESEF. Esse piano acho que é da fundação da Escola. O que mais eu tenho para dizer? As salas todas tinham vidro na sua porta, onde o diretor podia chegar e colocar os seus olhos para enxergar o que estava se passando dentro da sala [risos], não tinha nenhuma sala com a porta totalmente fechada. E, quando a gente chegou aqui, tinha o folclore do professor Poli¹⁴, de que os meninos sentavam de um lado e as meninas de outro, não podiam ficar juntos, até o dia que alguém escreveu no quadro: “Massas com ovos para um lado, massas sem ovos para o outro”. Identificando direita e esquerda, alguma coisa assim. E aí, ele chegou, olhou, virou e disse assim: “Está bem, pode misturar as massas, mas muito cuidado!”.

B.R. - [risos] Moraes, quanto aos projetos de extensão: quando é que tu identificas o início das extensões na Escola?

L.M. - Quando eu cheguei e comecei a trabalhar como professor, já tinha alguma coisa de extensão. A piscina já funcionava e lá era o modelo de extensão para a universidade, porque tinha muita atividade de natação. Era natação mesmo, não tinha atividades aquáticas não, como é hoje. E, a Escola, é até hoje um dos locais de extensão dentro da universidade. Isso começou muito cedo, é reflexo dessa possibilidade aí. Hoje ela se multiplicou, ela se diversificou, fundamentalmente isso. Então, quase todo mundo faz extensão aqui dentro. Quando aluno não tinha isso - nem extensão, nem pesquisa, muito menos pesquisa... Eu acho que é o ponto forte da Escola, realmente são os projetos de extensão, até porque a gente coloca os alunos, porque se fosse sem os nossos alunos, não teria muito sentido, mas isso faz um diferencial porque eles estão trabalhando com atividades de ensino, diversos tipos, mais desenvolvidos, menos desenvolvidos, mais voltados para a escola, menos voltado para a escola, mas, enfim, tem o ato de ensinar, ele está presente ali nesse... Às vezes, também no ato administrativo, que é importante. É uma coisa forte e a COMGRAD¹⁵ uso isso, como tem usado a pesquisa. Mas a gente sabe que a pesquisa funciona menos para os alunos, embora tenha tanta gente envolvido, mas a

¹³ Centro de Memória do Esporte.

¹⁴ Poli Marcelino Espírito, professor de Higiene Aplicada.

¹⁵ Comissão de Graduação, anteriormente chamada de Comissão de Carreira.

quantidade de alunos que pedem reconhecimento de créditos por pesquisa é muitíssimo menor.

B.R. - E a pesquisa, o que tu tens como registro desde o início?

L.M. - Pois é, eu vou te dizer assim, a pesquisa ela começou quando eu era aluno da Escola, início dos anos 70 - que é o início do LAPEX. Eu me lembro que fiz parte do primeiro trabalho que foi a validação do teste chamado de 12 minutos do Cooper¹⁶, para o brasileiro. Eu fui um dos cobaias, eu e centenas de pessoas. E, que eu me lembre, começa por ali. Mas, depois eu me lembro de... Até porque quatro colegas meus foram para o Rio de Janeiro fazer estágio no laboratório - se eu não me engano - era da Federal do Rio de Janeiro, que já tinha um laboratório e que depois ficaram trabalhando aqui no laboratório. As primeiras idéias de pesquisa vieram daí, do LAPEX. Depois algumas pessoas... Porque eu vivi um espaço de seis anos que fiquei fora da ESEF, então, eu não sei muito o que se passa nesse período, mesmo que eu tinha feito especialização em treinamento, nessa época, eu não acompanhei muito a Escola, era só o momento de vir para cá, quer dizer, eu acompanhei os meus colegas que estavam ali e os meus antigos professores, sempre estive muito próximo, até porque eu queria vir para cá. Então, eu sempre sabia das coisas que estavam acontecendo nesse sentido, mas do resto não, do resto absolutamente não. E aí, quando eu começo a trabalhar como professor em 79, das primeiras questões fora do LAPEX lembro do Adroaldo¹⁷ publicando alguma coisa. Mas que eu já tinha uma proximidade, ele tinha sido meu colega também, então eu sabia do que ele estava fazendo, não dos outros. Já sabia que a Lenea¹⁸ estava produzindo alguma coisa na área da recreação, que o Camargo¹⁹ tinha feito uma livre docência, e que as pessoas estavam começando a pensar em fazer mestrado. O Alduíno²⁰ acaba saindo, o Carioca²¹, depois o Cassel²², mas aí eu já estava trabalhando aqui. Então, a pesquisa vai um pouco por esse lado da formação que tinha como finalidade uma questão profissional, de progressão funcional e profissional, dentro da Universidade e para nós, para mim, que estava entrando

¹⁶ Teste que consiste em correr a maior distância possível em 12 minutos. Visava medir o condicionamento aeróbico

¹⁷ Adroaldo César Araújo Gaya

¹⁸ Lenea Gaelzer

¹⁹ Francisco Camargo Neto

²⁰ Alduíno Zílio

²¹ Paulo Gilberto de Oliveira

era uma forma de poder fazer um concurso e ganhar pontos no concurso. Eu acho que a gente, agora, está começando a ter um certo volume de pesquisa, mas que não é assim tão volumoso quanto poderia, até porque a estrutura da universidade se modifica. Nós acabamos fazendo todas as coisas que tem pela frente. Não se aumenta, até diminui o número de professores, então o que acontece? Faz pesquisa, extensão, dá aula, uns são mais envolvidos, outros menos envolvidos. Tem gente que está envolvida diretamente com a pós-graduação, aí tem que fazer pesquisa, tem que publicar, então, eu diria que nós ainda nos dividimos, entre os que fazem pesquisa e os que não fazem pesquisa, os que publicam e os que não publicam, mas que de alguma forma está envolvido com alguma das atividades, além do ensino, a parte administrativa ou a parte da extensão, ou a parte de pesquisa, difícil alguém estar envolvido com todas elas plenamente, não há condições.

B.R. - E, na tua formação enquanto professor, tu aqui como aluno, tens algum professor que tenha te marcado mais?

L.M. - Mário César...

[FINAL DA FITA 64/01-A]

L.M. - Era professor de atletismo e tinha todo um envolvimento, tinha sido meu treinador também de atletismo. Depois colega, então, tem uma marca muito grande dele. Mas tem algumas outras pessoas que marcaram pelo caráter, pelo modelo que eles foram como pessoas. O Alduíno foi uma dessas pessoas e o professor Bugre²³. São pessoas exemplares para mim de conduta, de ética, são pessoas bem marcantes. Eu diria assim, o Bugre até foi mais importante depois, como meu colega, do que antes como professor, pela discipulação dele. O Alduíno era o cara que nas aulas a gente tinha como modelo; ele era muito duro, mas isso para mim não era problema, a rigidez dele. E, então, eu achava ele com uma correção, ele não vacilava nas atitudes, era igual com todo mundo, gostasse do aluno ou não. No caso, como eu já falei, pela questão do atletismo, houve um envolvimento além da questão da aula. As conversas, as discussões sobre atletismo, enfim, isso foi uma coisa

²² Mário César Cassel

²³ Bugre Ubirajara Marimon de Lucena, cujo nome é dado ao atual Ginásio II.

muito importante, e eu cito uma pessoa, que digamos assim, didaticamente para mim foi importante porque ele acaba interferindo na forma como eu depois vou dar aula, como vou pensar um pouco da aula de educação física, que foi o Camargo, que chamava muita atenção dos detalhes da aula, de como se posicionar na aula, de como pensar a aula. Até hoje eu lembro de coisas que ele me dizia, que eu acabo repassando para os alunos. Eu acho que seriam esses positivamente. Negativamente a gente sempre tem, em qualquer momento.

B.R. - Se tu quiser falar um pouco desses negativos, não tem problema.

L.M. - Não, não. Eu respeito porque eles também foram importantes para mim.

B.R. - Moraes, tu tens mais alguma coisa que queira nos colocar que achas importante registrar enquanto história da Escola?

L.M. - Eu acho que a Escola passa por fases de crescimento, eu não posso pegar a anterior. Porque história de pessoas mais velhas que já devem ter relatado como ela surgiu. Eu diria que a gente tem momentos de saltos, em termos de qualidade, que é a questão da formação do professor, de fazer mestrado, e que hoje não é só mestrado, é de doutorado. Esse tipo de envolvimento, de necessidade, isso produz uma mudança muito grande. Essa questão do aluno reflexivo, ele também, ele é muito... Parte dos professores que acabam... Mesmo que a gente entre em conflitos ideológicos e epistemológicos aqui dentro, isso acaba tendo reflexo para os alunos. Eu acho que esse é um momento. Mas talvez o momento anterior, de possibilidade, de crescimento, tenha sido o investimento que o governo, lá da década de 70, faz nas escolas de Educação Física. Claro que eles tinham um objetivo que acabou não sendo alcançado, porque faltou planejamento para isso, mas nós acabamos tendo benefícios: a construção de instalações, que para nós aqui foi a piscina e a pista. Então, como local de prática, isso sem dúvida trouxe uma melhoria muito grande. Pode se pensar, pode se sonhar um pouco mais adiante naquilo que está se fazendo a partir de locais com condição de trabalho. Claro que um modelo muito voltado para o esporte, o que não é hoje. Eu tenho certeza disso, hoje não é o modelo que o curso segue, nós não formamos treinadores, mas com toda certeza. Mas, por exemplo, a adaptação do espaço, permitiu que a piscina servisse para as atividades aquáticas, que é um grande espaço de extensão, de

ensino e de pesquisa, sem dúvida alguma. A pista caiu, teve uma queda, até pelo estado que se encontra hoje. Mas, no momento, isso é muito importante, até porque competições foram realizadas aqui, e os alunos foram envolvidos com isso, eles assistiram as competições, eles participaram da arbitragem, eles participaram de organização dessas competições, com Campeonatos Brasileiros, como JEB's²⁴, campeonato escolar de uma época com uma expressão máxima, Campeonato Brasileiro Juvenil de Atletismo. Eles vão estar sempre envolvidos com isso, e as competições escolares que existiam em grande número e que eram realizadas aqui e que os alunos estavam envolvidos com isso. Então, isso levava a uma posição frente ao esporte bastante importante. E isso é importante na modificação do aluno, no crescimento do aluno. Depois, então, essa formação dos professores... Acho que hoje a questão é a pesquisa, que está... Então, acho que são três momentos bem importantes. Já que a gente acaba, não mantendo os mesmos níveis que a gente tinha nas outras questões, acabamos fazendo uma mutação também de área. Temos um perfil de alunos hoje, de egressos, diferente do que era os da minha época de formação, por exemplo. E, de outras épocas, que a gente pode até identificar, até com repercussões do momento histórico que o país passava. Mas, por exemplo, acho que é uma coisa bem interessante, houve um momento da década de 80 que eu especialmente tinha muita dificuldade para dar aula, porque era uma contestação o tempo inteiro com relação à prática, então a coisa que mandava: “Repete! Vamos lá! Vamos fazer de novo!, Não sei o quê!” Vinha sempre a interpretação: “Mas isso é treinamento, isso é para atleta, isso não sei o quê, isso é modelo capitalista.” Então, era muito difícil de dar aula. Porque cada um vem numa disposição muito grande com relação à atividade que estava sendo realizada e isso passou, quer dizer, isso não se faz mais por aí, a contestação, se faz por outras questões: “Para que serve isso?”, “Onde é que eu vou utilizar isso?” Fica muito melhor de trabalhar do que simplesmente fazer oposição, que coincidia com a época das Diretas já, tinha que se opor ao regime militar, então se opunha a toda e qualquer autoridade que tinha, se a gente falhasse um pouquinho, se a gente tivesse um pouco de dúvida no que estava fazendo, certamente isso tinha um peso muito grande. E, outros professores também sentiam isso.

²⁴ Jogos Estudantis Brasileiros.

B.R. - E, quanto à posição da ESEF enquanto UFRGS²⁵, como é que tu enxergavas a ESEF na UFRGS, no passado. Como é que era essa participação?

L.M. - Eu comecei a me envolver com as atividades da universidade, não só dentro da ESEF, mas com a universidade, já nos anos 90. Mas, as queixas que as pessoas tinham antes, é que a ESEF só estava na universidade, mas ela não fazia parte da universidade. O Campus Olímpico²⁶ era um local afastado e que, no papel estava fazendo parte da ESEF. Durante muito tempo isso foi uma queixa, mas depois começa aquele envolvimento. Eu acho que especialmente a partir do Cassel como diretor, e começa a haver uma aproximação, até pela relação que ele tinha com o Reitor da época. Que foi quem escolheu-o como diretor dentro da lista que saiu. Ele foi o [palavra inaudível] do escolhido. Então, havia uma relação, a gente começa a se integrar mais dentro da universidade a partir dali. Embora algumas passagens, por exemplo, comissão de carreira da época, que é a COMGRAD hoje, ela tinha como local não a ESEF, mas a Reitoria - as comissões de carreira, todas elas, dentro da Reitoria. O que acontecia é que as pessoas se afastavam, saíam daqui e iam para lá, não retornavam mais. Então, nós tivemos um coordenador que ficou muitos anos dentro da Reitoria, sendo professor da ESEF e não dando aula na ESEF, porque o coordenador não precisava dar aula, ele estava dispensado. Ele fazia toda a atividade dele lá dentro e se ausentava daqui. E, como tal, ele foi presidente de uma das Câmaras, na época da qual a Educação Física fazia parte, se não, ele não vinha aqui. Mesmo tendo esse tipo de... Ficava distanciado. Então, isso era uma época que a ESEF, aparentemente e até pelos depoimentos das pessoas, ela não fazia parte de direito, não fazia de fato... E um Centro Olímpico²⁷, aqui, que era uma outra entidade dentro do próprio espaço, que acabavam... Não havia união entre Centro Olímpico e ESEF, eram entidades diferentes, e como tal uma tinha mais valor do que a outra, porque funcionava dentro da piscina, e a piscina era a parte nobre. Era muito importante para a Pró-Reitoria de Extensão e tinha benesses que a ESEF não tinha, havia uma questão interna aqui também a ser resolvida. Ela passa a partir do Cassel, a ter um outro tipo de envolvimento, de organização, enfim, que aí acabam... A partir daí, começa a se modificar gradativamente. Hoje eu acho que nós fazemos parte... Até porque nós participamos dos conselhos, do

²⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁶ Campus onde se localiza a ESEF-UFRGS.

²⁷ Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS.

CEPE²⁸, do CONSUN²⁹, somos chamados para Câmaras, somos eleitos, somos reconhecidos, de uma forma mais ou menos... Não dá para se dizer, tem momentos mais ativos, outros menos. Mas acho que a gente faz parte. E a própria questão do SIC³⁰ que vem sendo realizado aqui dentro, isso é algo muito importante sobre este ponto de vista, todo mundo vem para a ESEF. Então, quem está ali? A pesquisa. Quem está ali? A extensão. Quem está ali? As coisas que a universidade não conhece a ESEF, mas os outros, de alguma forma, tem presente. E a participação dos professores também nesses órgãos, é importante. O professor é identificado e com pró-reitores também oriundos daqui. Foi um caminho longo, mas é bem diferente hoje. E queixas que a gente tem, outros cursos também tem com relação à hoje, às vezes mais, às vezes menos, tem outros cursos bem tradicionais da universidade que se queixam também de afastamento, de distanciamento, enfim, e alguns muito tradicionais e antigos.

B.R. - Em termos de fatos pitorescos, o que tu lembras para nos contar, de professores, funcionários? Ah, não! Uma coisa antes dos fatos pitorescos: tu tens alguma coisa a falar dos funcionários da Escola, tu lembras como é que funcionava, como é que era a estrutura dos funcionários? O que tu tens para nos relatar?

L.M. - Olha, o que eu vou dizer... Sou muito cúmplice [risos] dos funcionários. O número de funcionários que se modificou, se a gente diminuiu o número de professores, os de funcionários, técnicos aumentou, isso é bem marcante. Quando eu era aluno aqui, tinha os da secretaria que eram um número bem reduzido e não consigo me lembrar do senhor que fazia a limpeza aqui. E tinha o senhor que tinha uma casinha aqui do lado que era o zelador. Por ser uma casa encostada aqui, bem aqui, nesse canto, e que era [palavra inaudível], parece que antes de fazer a casa, era aqui dentro do ginásio, que ficava a casa dele, acho que nesse lugar ali onde é a sala do Mário³¹ hoje, isso eu não tenho muita certeza, tenho que verificar. E o bar que funcionava aqui embaixo onde vocês estão ali. Todas as entradas eram diferentes, era por dentro do ginásio e tal. Mas ali funcionava o bar e aqui era o Diretório Acadêmico, então, a gente passava por dentro do bar para chegar no Diretório Acadêmico. Mas o número de funcionários era muito pequeno, não dava conta.

²⁸ Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

²⁹ Conselho Universitário.

³⁰ Salão de Iniciação Científica.

³¹ Mário Roberto Generosi Brauner, atual professor de Basquete.

Nós é que tínhamos que carregar o material, levar o material, não é muito diferente do que tem hoje... Nesse sentido acho que nunca teve gente para fazer. Mas eu me lembro quando eu comecei a trabalhar, que o Walter³² levava as barreiras lá para a pista. Um tipo de equipamento, a gente pedia, ele colocava lá em cima, não sei se por conta do Cassel ou se era a função dele mesmo [risos], depois isso deixou de existir, nós é que temos que levar, como até hoje. E para esse sentido tem... Nessa linha diminuiu muito o número de funcionários, tanto que o almoxarifado deixou de existir. Mas outros... Veio para cá a sub-prefeitura, quer dizer, trouxe mais gente para cá e todo o pessoal de limpeza, a própria questão da FAURGS³³, ela modifica muito essa relação. Tem mais...

B.R. - As surpresas, vamos aos casos!

L.M. - Pois é, de pitoresco, não dá para contar! Os que mais marcaram é do colega.

B.R. - Não, mas acho que são esses mesmos que a gente quer que conte!

L.M. - [risos] Bom, depois vocês decidem se vão botar. Um colega que num passeio pela ESEF, ele passou a mão na bunda do professor, no meio do grupo todo, ele se explicando e o professor juntou as duas mãos em pé e disse assim: “Meu Deus me perdoe, faça de conta que não aconteceu nada”. [risos] Isso é marcante assim. Tem outras coisas de aluno. De tentar tumultuar a aula de professor... Professor muito “cri-cri”. Só me lembro de um: não deixava a vara de fibra cair no chão e se a vara de fibra cair no chão? Aí, o cara salta e eles começam a [palavra inaudível] parece que vai cair, e o professor começa a se exaltar com aquela situação. Daqui a pouco: “Pô, já disse para vocês que não era para deixar a vara cair no chão!” Aí ele: “É?” E soltou a vara direto na cara do professor. [risos] “Olha os óculos, olha os óculos”. Na hora foi muito engraçado. Quando tinha um valão atrás, o colega que estava fazendo salto em distância, passa correndo e cai dentro do valão, aí tem que juntar o cara lá, porque ele se machucou. Vem em quatro trazendo ele de dentro do... Tem outras histórias. Eu não vou me lembrar agora, mas... Ah! Do colega que era fotógrafo, que tirava fotografia das aulas e depois botava aquelas legendinhas, como história em quadrinhos,

³² Nome sujeito à confirmação.

³³ Fundação de Apoio a Universidade do Rio Grande do Sul.

supondo que o professor tinha falado e que o aluno... Fotos que ele tirava da gente dentro dos vestiários e depois passava para as meninas.

B.R. - E quanto às alunas quando tu entraste aqui, havia algum preconceito, alguma restrição quanto ser mulher no curso? Ou tu nunca notaste nada?

L.M. - Era a maioria. O maior número era de mulheres aqui no curso do que de homens. E as turmas eram separadas também. Não eram turmas mistas como hoje. As únicas atividades mistas eram: anatomia, didática, enfim, essas disciplinas que eram teóricas. Mas tinham algumas separações, mulheres de um lado... Eu já não peguei esse momento, mas isso acontecia. Eu não me lembro de diferenças. Agora, é claro, tinha gente que não gostava de dar aula para as mulheres, tinham professores que não gostavam. Então, tinham as professoras. E os professores. Normalmente as professoras davam aula para as mulheres. No atletismo era isso, era a Lídia³⁴ dava aula para as meninas, e o Cassel e o Milton³⁵ para os rapazes, era separado. Depois é que começou a ter que trabalhar com as meninas. E no atletismo, o primeiro professor que deu aula para turma mista, fui eu. Eram separadas também. Quando eu comecei... E aí, havia os erros na matrícula. “Pô, saiu errado, o aluno tal era para estar na turma masculina, ficou na feminina”. Daí a gente fazia a troca. Mas teve um semestre que tiveram cinco que saíram errados, e aí, eu disse: “Mas não dá, era o horário, não sei o que?”, “Então fica”! Aí no outro semestre, já pedi para liberar, porque eu não via problema nenhum de dar aula para turmas mistas. Mas já tinha outras turmas mistas na faculdade, não foi o atletismo o pioneiro. Isso aí é princípio dos anos 80. Não tinha problema quanto a isso não. Nunca notei diferença.

B.R. - A gente queria agradecer a contribuição e se colocar à disposição caso tu lembrares mais alguma coisa, que às vezes a gente começa a falar e depois é que vem as idéias. A gente está à disposição, entra em contato com a gente e a gente faz uma nova entrevista.

L.M. - Posso te dizer que eu tenho um filme da inauguração da pista.

B.R. - Ah, ótimo!

³⁴ Nome sujeito à confirmação.

³⁵ Nome sujeito à confirmação.

L.M. - Eu tenho que trazer para cá, que é um super 8, vai ter que fazer um processo de restauração dele que ele deve estar quase sem imagem.

[FINAL DO DEPOIMENTO]